

NÚMERO DEDICADO  
A  
TEIXEIRA  
DE  
PASCOAES



*Cadernos de Poesia*

DIRECÇÃO DE JORGE DE SENA, JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA  
JOSÉ BLANC DE PORTUGAL E RUY CINATTI

UM bardo do Setentrião brumoso, que os ventos arrojaram na direcção do Sul, até vir a naufrágio numa praia nossa; não um filho da antiguidade clássica; não um meridional, um mediterrânico, um homem da Espanha luso: foi assim que o vi sempre, que o admirei, que o amei. Ao querer dar-se como elo de uma tradição nacional, desvia-nos de ver nele o mais valioso e autêntico: a visão pessoalíssima e alucinatória que, transformando-lhe o Mundo numa tragédia abstracta, sem materialidade e sem côr, inteiramente o separa do nosso coral de líricos. Ao que supponho, a sua grandeza particular e intrínseca reside na sua arte de *não* ser português. É sem gosto do paradoxo que sinceramente o digo. Admite-se que os nossos líricos sejam em grande parte elegiacos; é possível que em quase todos a melancolia impere; mas a melancolia (disse-o o Hugo) é *le bonheur d'être triste*; e onde é que no Pascoaes esse *bonheur* se encontra? Não há na melancolia dos nossos poetas típicos (ou naquela «coita» amorosa em que tanta vez consiste) algo que nos recorde a grandeza cósmica de um Pascoaes. Além disso, afigura-se-me frequente na nossa veia lírica o tema da antítese da alma baça do poeta com o quadro primaveril de uma Natureza grácil. Esta, no Pascoaes, não aparece primaveril nem graciosa: é aterradora, é lobrega; uma água forte, digamos, de meditação de um Rembrandt: não a tela bucólica de um Silva Porto plácido; é um uivo de ventania numa solidão nocturna. Na atitude religiosa, o que nele creio espontâneo e mais próprio é o brado de protesto contra o Deus tradicional demiúrgico, — o dos tercetos vigorosíssimos daquele *Canto heróico*. Que diferente, também aí, da nossa tradição de lirismo! Para mim, tal discrepância com os outros foi o seu maior atractivo; é o que vejo nele de mais grande; é o que mais tem de sublime.

ANTÓNIO SÉRGIO